

As comunicações apresentadas nesta reunião científica estão repartidas por três grandes rubricas: «O tempo de Damião de Góis: sociedade e cultura de quinhentos» (pp. 51-229), «Vida e obra de Damião de Góis» (pp. 231-678) e «Damião de Góis na mundividência do século XVI» (pp. 679-902). Antecedendo o texto das comunicações, encontramos o programa pormenorizado das actividades realizadas no decorrer do Congresso (pp. 21-26). Segue-se a publicação integral dos vários discursos proferidos na abertura e no encerramento do Congresso (pp. 27-50), havendo também que ressaltar a existência, no final, de um cuidado e sempre útil índice onomástico (pp. 903-922).

A publicação destas *Actas*, que são a mostra da investigação desenvolvida por alguns dos maiores especialistas nacionais e estrangeiros, constitui assim mais um valioso contributo para o estudo da vida e da obra de Damião de Góis, um dos mais distintos humanistas portugueses, cuja obra passa por áreas tão variadas como a historiografia, a epistolografia, a tradução de autores clássicos ou de textos bíblicos, ou até mesmo a música. Trata-se, de facto, de uma figura complexa e multifacetada, cuja vida e obra é o espelho das grandes tensões religiosas, políticas e económicas que fracturaram profundamente o país no decorrer do século XVI. Esperamos, portanto, que a publicação deste volume possa ser um contributo válido para evocar a figura do grande humanista português, que em muitos aspectos constitui, pelo seu trajecto de vida, pela obra e pelos valores que propugnou, uma referência a não perder de vista nos nossos dias.

ANTÓNIO ANDRADE

**OLIVEIRA, Francisco (Coord.), *Penélope e Ulisses*, Associação Portuguesa de Estudos Clássicos, Instituto de Estudos Clássicos, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, Coimbra, 2003.**

Ulisses “dos mil artificios” e a sua esposa fiel Penélope são, tal como o título do volume indica, o objecto principal das trinta comunicações apresentadas num Congresso promovido, em parceria, pela

Associação Portuguesa de Estudos Clássicos, pelo Instituto de Estudos Clássicos e pelo Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

As actas do congresso *Penélope e Ulisses* centram-se, portanto, na *Odisseia* de Homero, constituindo também esta monografia uma verdadeira odisseia que perpassa a literatura grega das épocas arcaica e clássica alcançando, por fim, a literatura posterior influenciada pelos autores helénicos, não se descurando, no entanto, as epopeias de raiz oriental que terão influenciado o poeta de Chios, como é o caso da *Epopéia de Gilgameš*, de origem mesopotâmica. À semelhança de Ulisses, também Gilgameš é um herói que procura um destino, alguém que, de igual forma, faz uma “aprendizagem pelo sofrimento”, como nota o autor da comunicação, Nuno Simões Rodrigues.

A comunicação que abre esta obra pertence à Prof. Doutora Maria Helena da Rocha Pereira, professora jubilada da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e especialista em poesia homérica. A helenista analisa alguns passos da *Odisseia* tomando como ponto de partida a figura de Penélope. O seu artigo prima por apresentar teses de autores vários acerca da teia de Penélope, i.e., do dolo perpetrado pela esposa de Ulisses, que, fiel à memória e imagem do marido, tudo faz para retardar o destino e impedir o que lhe parece inevitável: ceder a um dos pretendentes e celebrar novas núpcias. Desta forma, a análise do carácter marcado pela fidelidade, mas também pela astúcia, constitui o fio condutor do trabalho da investigadora.

O tema da fidelidade, embora recorrente em quase todos os artigos, é também alvo de uma abordagem minuciosa levada a cabo pelo Prof. J. A. López Férez, cuja comunicação se aproxima da anteriormente referida. Mais extenso e, de certa forma, exaustivo, o seu artigo tece reflexões literárias acerca da *perifron Penelopeia*, a “sensata Penélope”, que revela, ao longo de todos os trechos odisséicos objecto de análise, um perfil marcado por um ardil que lhe permite manter-se fiel ao herói grego.

A obra homérica continua a ser objecto exclusivo de análise nos trabalhos seguintes. John Boardman procura estabelecer fronteiras entre a

realidade e ficção, comunicação que nos pareceu particularmente interessante por tratar a geografia homérica. Até que ponto o aedo se deixou levar pelas malhas do imaginário criando locais inverosímeis é a principal questão colocada pelo professor, que pretende desenhar um mapa homérico e um mapa do mundo verosímil, cuja existência está atestada sem existir contaminação com a ficção homérica.

Uma das criações homéricas é, precisamente, o paraíso onde Ulisses encontra Calipso, local este onde o herói permaneceu sete anos antes de regressar a Ítaca. O foco da obra em análise volta-se agora para o rei itacense, para os seus envoltimentos amorosos e, conseqüentemente, para o tema do *nostos*. O texto de Dieter Lohman aborda sobretudo as técnicas de composição das cenas de cariz erótico, constantes na *Odisseia*, e a sua estrutura estereotipada. O estudioso analisa cinco cenas marcadas pelo erotismo que constituem o ponto central do artigo, concentrando-se nas suas semelhanças, mas sobretudo na constatação de traços invulgares, como diferenças na linguagem formular e na técnica de composição, que revelam, precisamente, a atipicidade de cada uma das cenas, o que enriquece, sem dúvida alguma, a obra homérica.

No entanto, nem sempre Ulisses foi perspectivado como o homem nostálgico, tomado pela ânsia ardente do regresso para junto de Penélope e do filho de ambos, Telémaco. Embora esta seja a imagem que, com maior frequência, se retém na memória, os estudiosos que dão o seu contributo neste volume não se coibiram de abordar obras da antiguidade clássica onde transparece uma visão substancialmente diferente daquela que, por norma, atribuímos ao itacense. É o caso de Maria Leonor Santa Bárbara, Andreas Bagordo e Luís M. G. Cerqueira que, nos seus trabalhos, desvelam um Ulisses representado de forma menos benévola do que na *Odisseia* homérica.

A primeira conferencista aborda um epigrama de Asclepiades de Samos, datado do século III a. C., afirmando que, implicitamente, o autor se estaria a referir ao dolo que Ulisses urdira para conseguir ganhar, numa disputa partilhada com Ájax, as armas de Aquiles, o que acaba por levar à morte do seu adversário. A partir da dialéctica entre Fraude/Virtude, a

autora revela mestria ao realizar uma síntese de vários autores clássicos que partilhavam a opinião de que Ulisses não seria exclusivamente aquele herói valente, corajoso e dedicado que transparece em Homero. Assistimos assim a um catálogo de autores como Píndaro, Platão, Sófocles e Eurípides que interpretam de forma mais realista o famoso epíteto *polutropos*, donde sobressai a astúcia e o engano.

O trabalho de Andreas Bagordo revela alguma continuidade em relação à comunicação de Maria Leonor Santa Bárbara, no que concerne às tragédias de Sófocles referidas pela autora. O tema da luta pelas armas de Aquiles e do dolo utilizado por Ulisses é agora desenvolvido pelo estudioso italiano que nos dá duas visões diferentes do Itacense, figura presente nas duas peças sofocianas: *Ájax* e *Filoctetes*. Ora, se na primeira o filho de Laertes revela algum humanismo, que sobressai devido à ira e crueldade de Atena; na segunda, o seu carácter revela-se característico do comportamento anti-heróico, imagem que também é compartilhada pelo tragediógrafo Eurípides. O Ulisses do *Filoctetes* emerge, então, como alguém ardiloso, que facilmente se deixa tomar pela cólera, revelando o que de pior existe em si, i.e., a sua capacidade em enganar os outros, em benefício próprio.

Também na *Eneida* de Vergílio, por se tratar da epopeia de um foragido de Tróia, não será de estranhar que Ulisses marque uma presença mal amada, em tudo semelhante à constante no *Filoctetes* sofociano. Desta forma, Luís M. G. Cerqueira, o autor, assume Ulisses como o protótipo do anti-herói, constatando que esta perspectiva da figura ulisseica poderá ter implicações políticas. Se a *Eneida* é o poema que relata as origens de Roma e se Eneias é um herói troiano e o principal responsável pela génese do Império, um grego, ex-combatente na guerra de Tróia e responsável pela queda de Ílion, nunca poderia ser olhado com bons olhos.

E Penélope? Que paralelo tem a sua figura na literatura romana? Essa é a questão a que Hans Joachim Glucklich procura clarificar na sua comunicação. De facto, Penélope parece não ter paralelo na literatura de Roma. A mulher de Ulisses continua a ser detentora do exclusivo de

fidelidade e, conseqüentemente, apresenta-se como modelo a seguir pelas mulheres romanas. No entanto, no que respeita à recepção do mito ulisseico em épocas posteriores, a literatura romana parece ter dado um enorme contributo. O trabalho do autor consiste em passar em revista a obra de vários autores romanos, de forma a analisar a presença de Penélope em cada um deles ou, melhor dizendo, a influência da figura de Penélope nas figuras femininas na literatura latina.

Se na *Eneida* nenhuma das mulheres (Lavínia, Dido, Creúsa) parece ter conseguido alcançar o modelo itacense, em Tito Lívio, Lucrécia é apresentada como modelo de dedicação ao lar e de exemplaridade entre as mulheres. A amada de Propércio, Cíntia, também é descrita como modelo de fidelidade, já que, na obra properciana, esta permanece à espera do poeta. No que respeita às *Heroides* ovidianas, Penélope tem presença na primeira carta da obra, amaldiçoando a guerra de Tróia, cujas razões parece não compreender. Tem uma perspectiva mais realista e, no seu ponto de vista, todos os homens são infiéis devido à sua *libido*. No entanto, permanece fiel ao Itacense.

Não nos detendo mais nesta comunicação, porque muitas outras são também dignas de comentário, notamos apenas que a figura de Penélope não se restringe à literatura romana. Glucklich chama a atenção para a presença da figura feminina nos murais de Pompeios e na ópera, onde a sua fidelidade se mantém. Este último foco de análise parece-nos um pouco desfasado, não só porque o título da comunicação dá a entender que o trabalho se centra sobre a permanência de Penélope na literatura latina, mas também porque a análise centrada em obras musicais é seguida, de imediato, por um comentário sobre as várias figuras femininas com quem Ulisses se envolve, aquando do seu regresso, e de um estudo sintético acerca da visão das mulheres na Antiguidade. Esta alternância de conteúdos causou-nos alguma estranheza no que respeita à organização lógica da comunicação.

Ainda dentro da romanidade, o Prof. Vasco Mantas realizou um estudo sobre a presença de Penélope e Ulisses na Lusitânia. O autor nota que a localização geográfica desta região terá sido determinante para a

recepção das histórias de Penélope e Ulisses, já que, rodeada por mar, seria propícia ao imaginário de um povo leitor da *Odisseia*, acreditando que muitas aventuras míticas do rei de Ítaca se teriam passado ao largo da costa lusitana. Podemos ainda ter acesso a alguns elementos arqueológicos que nos permitem atestar a forte influência da epopeia homérica, embora, curiosamente, seja Ulisses, durante o seu regresso a casa, o protagonista das representações e nunca Penélope, que, como o autor afirma, parece ter “fraca audiência”, já que o Lusitanos prefeririam as aventuras marítimas do que a fidelidade de uma mulher.

O volume prossegue, mas desta feita, com uma série de conferências que abordam a literatura desde a época renascentista até à actualidade, como se, à semelhança de Ulisses, também o mito ulisseico realizasse uma viagem. Se, por um lado, Rita Marnoto se debruça sobre a presença de Ulisses na obra de Dante e consequentes reflexos na literatura italiana do século XX, por outro, Ignacio R. Alfageme tece algumas considerações acerca da presença de Penélope na poesia espanhola. Na literatura italiana, o Ulisses astuto, inteligente, mas fraudulento, retratado por Dante reflecte-se na contemporaneidade literária, onde a personagem ganha uma dimensão simbólica relacionada com a cultura do *Novecento*. O mesmo acontece na poesia espanhola, embora o foco de estudo seja a figura de Penélope, que mais adiante será alvo de um trabalho semelhante levado a cabo por Concépcion López Rodríguez, que realiza uma análise de um texto dramático da literatura espanhola, *La Tejedora de Sueños*, escrito por Buero Vallejo no pós-guerra. Nesta obra, Penélope é uma figura humanizada e a sua fidelidade e a sua espera são consideradas como um acto de heroísmo, mas também encaradas com normalidade, fazendo o autor acreditar que esta seria a atitude de qualquer mulher naquela situação. A humanidade da personagem revela-se quando, perante Ulisses, o censura por ter demorado tanto tempo no regresso e o acusa de ser “amante del éxito y del aplauso”.

A literatura portuguesa renascentista é também herdeira do mito de Ulisses. É precisamente dessa herança que nos fala António Manuel de Andrade Moniz, ao abordar vários autores do período da renascença,

tecendo algumas considerações acerca do mito ulisseico da fundação de Lisboa, justificável por essa ser uma época de expansão marítima, de descoberta de rotas e de locais inóspitos, tal como acontecera durante o regresso de Ulisses a Ítaca. Desta forma, a “miscigenação entre Gregos e Lusitanos”, a que o autor alude, seria de extrema importância para a credibilidade das empresas marinhas lusitanas. Curiosamente, na literatura portuguesa, Penélope é uma figura ausente, como nota o Prof. Segurado e Campos, na sua comunicação, onde trata *Ulisseia* do seiscentista G. Pereira de Castro.

Ainda dentro da nossa literatura, destacamos a comunicação de Carlos Reis. Não visa tanto a narrativa épica de Homero, mas sim o tema do regresso tão evidente na obra queirosiana. O autor faz uma breve análise de algumas obras de Eça de Queirós, tal como *Os Maias*, *A Ilustre Casa de Ramires*, *A Cidade e as Serras* e o conto *Civilização*. Temas como o do *nostos*, aliados ao tema do exílio e da saudade, constantes na *Odisseia*, são analisados em cada uma das obras, demonstrando-se a *contaminatio* entre as obras dos dois autores e comprovando-se a imortalidade da temática homérica. A literatura portuguesa contemporânea está também contemplada neste volume, pela mão de José Ribeiro Ferreira, que elabora um estudo centrado na obra poética de Fiamma Hasse Pais Brandão e de Nuno Júdice.

A compilação de trabalhos científicos não descarta, ainda, a literatura de expressão portuguesa. Veja-se a comunicação de Maria Aparecida Ribeiro, que se detém na obra da escritora brasileira Clarice Lispector, que aparece repleta de elementos que fazem ponte com a *Odisseia* homérica, tal a onomástica, a teia de Penélope, as aventuras marítimas. No entanto, a estudiosa pretende ressaltar, neste trabalho, o relevo da figura feminina na obra de Clarice Lispector, bem como o tratamento do tema da condição humana, alvo da maior parte dos mitos gregos.

Marta Teixeira Anacleto visa a literatura francesa do séc. XVII, notando que as figuras que dão nome a este volume de actas são dotadas de “actualidade e plasticidade”, sendo recriadas em obras francesas; e ainda no domínio da língua francesa, Pascal Thiery dá conta dessa

recriação das personagens, ao analisar a obra *Naissance de l'Odyssee* de Jean Giono, onde Ulisses surge como anti-herói e Penélope encarna a imagem de mulher adúltera.

Gabriela Cretia tece um estudo sobre o mito ulisseico na literatura romena. Esta autora nota a tardia difusão dos Poemas Homéricos na Roménia, tendo surgido as primeiras traduções, destinadas a académicos, a partir do século XVII, e debruça-se sobre algumas obras que englobam o mito.

O mito sofre alterações ao longo dos tempos, algo evidente em *Ulysses* de James Joyce, objecto de análise do Prof. Abílio Hernandez Cardoso. Obra que aproveita o nome do herói homérico é, no entanto, completamente díspar da do poeta de Chios. No dizer do autor da comunicação, *Ulysses* é uma obra de “transformação e inovação” do mito, mas onde tudo converge para o *nostos*.

Dois estudiosos abordaram a poesia grega moderna, onde a tradição odisseica é, naturalmente, visível. Se a Doutora Maria Eleftheria Giatrakou aborda vários poetas gregos, embora se centre na poesia de Seferis, onde uma vez mais se destaca o sentimento de nostalgia e o tema do *nostos*; J. Pedro Serra analisa de forma minuciosa o poema *Ítaca* de Konstantinos Cavafis. O seu estudo é alternado com passagens traduzidas do poema, sendo, por isso, a sua comunicação dotada de grande harmonia e complementada com uma tradução isolada, realizada pelo autor, que acompanha o original grego.

Jonh Bulwer debruça-se sobre a poesia moderna inglesa, onde constata que são as mulheres quem mais trata a figura de Penélope e de outras personagens da *Odisseia*. Ana Elias Pinheiro e Carmen Soares analisam, ainda, *A Filha de Homero* de Robert Graves e *A Canção de Tróia* de Coleen McCullough, respectivamente. Dois romances recentes, mas que utilizam como pano de fundo as aventuras de Ulisses e o ciclo épico troiano, sendo o primeiro uma história de amor e o segundo uma obra onde, uma vez mais, impera o tema do regresso.

Ainda acerca de literatura, mas literatura infanto-juvenil, fala Adriano Milho Cordeiro, que se centra em versões do mito destinadas a

crianças, notando que, à semelhança do que acontecia entre os gregos, onde se gostava de escutar um bom contador de histórias, o mesmo acontece entre as crianças dos dias de hoje. O autor visa ainda a ideia de que os mitos clássicos recontados às crianças são, tal como os contos populares, uma via de aprendizagem emocional e moral.

Finalmente, não só a literatura é abordada neste congresso. Chamamos por isso a atenção para as comunicações de Maria de Fátima Sousa e Silva, que se debruça sobre as artes de palco, e de Alberto Prieto, cujo foco se direcciona para as artes cinematográficas. A primeira comunicadora tece algumas considerações, elogiosas, sobre uma peça levada à cena no Teatro D. Maria, *A Aventura de Ulisses*, drama este que fomenta uma nova leitura da epopeia homérica, uma vez que a entidade organizadora, a Cultural Kids, faz de Ulisses “um herói dos tempos modernos”. Por sua vez, Alberto Prieto, apresenta um trabalho que consideramos bastante completo, já que, antes de se centrar no cinema, elabora uma breve análise sobre a Penélope da *Odisseia* e de outras obras literárias compreendidas entre os séculos XVII e XX, concluindo, no final da sua comunicação, que a fidelidade e a tolerância para com Ulisses são características intemporais, que acompanham Penélope ao longo dos tempos.

Desta forma, podemos concluir que o presente volume, ao reunir um tão grande número de trabalhos, acaba por valorizar a multidisciplinaridade, bem como vários campos artísticos, como a literatura, o teatro e o cinema, embora a pintura e a música pudessem ter sido alvo de uma exploração mais demorada. Concluimos, assim, que Ulisses e Penélope não são meras personagens da Antiguidade. São figuras imortais, não apenas constantes do nosso imaginário, mas de toda uma cultura que nos circunda e que, constantemente, vem ao nosso encontro.

MARIA JOÃO BOTELHO MONIZ DA SILVA MARQUES